

Dois para a emboscada

AQUELE ERA UM BOM DIA PARA UM ASSALTO. E, DE QUALQUER forma, era um dia em que um assalto iria ocorrer. Os bandoleiros eram jovens, tinham fome de carne e futuro. O sol estava hesitante e, naquele dia, homens iriam matar por um pouco de comida, um pouco de ouro e um pouco de honra.

Eram doze ao todo, e nenhum que prestasse. A escória juvenil de Arton, desgarrados, fugitivos e indesejáveis, bandidos por vocação ou circunstância; não havia uma gota de arrependimento naquele grupo. Dez variáveis, indo e vindo de acordo com as marés da vida de crimes, alguns morrendo ou sendo presos, outros se juntando, apavorados ou ansiosos. Mas havia apenas dois que mandavam em todos, e que mantinham-se firmes desde o início do que chamavam de Bando do Dente Quebrado. Os dois que agora espreitavam, mal respirando ao acompanhar com os olhos as futuras vítimas de sua emboscada, as bocas salivando por dinheiro e combate. Apenas os dois, como sempre, porque consideravam os outros dez muito vagarosos e barulhentos e burros.

— Como você está? — era Darien, em um sussurro. — Pode lutar direito ou vai ficar tremendo todo, como uma virgem?

— Não precisa se borrar de medo, eu consigo proteger você — disse Vincent.

Darien assentiu com um meio sorriso malandro, tendo arrepios de antecipação pela batalha.

A verdade era que Vincent não estava bem; sua mão tremia, e os suores não tinham cessado. Já há três semanas vinha se sentindo daquele jeito, com as febres e as manchas vermelhas e, o que não contara a Darien, as alucinações. “*Uma porcaria de doença esquisita desse lugar esquecido pelos deuses*”, pensou Vincent. Começara com o espinho, ou ferrão, ou o que quer que fosse, que ele achara fincado em sua nuca. “*Uma droga de inseto venenoso, ou planta, ou outra coisa qualquer*”. Mas, se ele deixasse Darien sozinho, o idiota provavelmente iria conseguir ser morto em menos de cinco minutos.

Os dois estavam deitados, muito quietos e lisos contra o chão, sobre uma encosta coberta de vegetação indecisa. Poucos metros abaixo, havia uma trilha, estreita e tortuosa o suficiente para permitir apenas um cavalo de cada vez. Do outro lado da estradinha, o início de um arremedo de floresta, que cobria um terreno também irregular. Bem atrás dos dois amigos estava o resto do Bando do Dente Quebrado, que esperava o sinal de um assobio. Ou, mais provavelmente, os sons de batalha, se Darien descartasse a cautela e começasse o combate sozinho. Uma paisagem típica. Estavam nos arrabaldes da União Púrpura — um ajuntamento de nações, tribos e minúsculos reinos, que oscilava entre a barbárie total e a civilização alquebrada. Encostas, trilhas, florestas e bandoleiros eram todos elementos comuns.

As vítimas se aproximavam, pouco a pouco, seus cavalos relutando no chão pedregoso. Os bichos e os homens suavam de peso, pois todos vestiam ou carregavam armaduras, escudos e lâminas pesadas. Eram cinco cavaleiros, todos reluzindo, blindados em metal prateado, e seguiam-nos mais seis ou sete escudeiros e servos.

— Eles são muitos — Vincent falou baixinho.

— Metade vai fugir quando vir uma espada — Darien fez uma careta de desdém. — São empregadinhos que sentem falta de castelos e cidades.

— Está vendo o estandarte, Darien?

O estandarte dos cavaleiros da Luz: a galante ordem de cavalaria que era o orgulho do reino de Bielefeld. Devotos de Khalmyr, o Deus da Justiça, e famosos pela falta de medo em combate e de piedade para com criminosos.

— Cavaleiros não sabem lutar no mato.

— Cavaleiros não são *vítimas de emboscadas*, Darien.

— Por isso mesmo. Vão estar surpresos. Não vão dar nem para o cheiro.

Vincent controlou um suspiro de irritação. Olhou o amigo como se quisesse fulminá-lo ali mesmo, e viu só confiança em seu rosto. Darien era apenas um rapaz, como todos no Bando do Dente Quebrado. Um homem bonito, por mais que Vincent odiasse ouvi-lo se gabar disso; alto e comprido, cheio de braços, pernas e cotovelos, magro e elétrico. Tinha uma boca enorme e debochada, olhos verdes pequenos e cheios de desafio, e cabelos castanhos que fazia questão de ostentar em um desleixo cuidadoso. O tipo de garoto contra o qual as mães previnem suas filhas.

Darien devolveu o olhar, imitando com exagero a cara de preocupação. Vincent nunca parecia tirar a seriedade do rosto angular e simétrico. O queixo quadrado nunca afrouxava, enquanto ele ponderava sobre as infinitas chances de algo dar errado em cada minúscula tarefa da vida. Era tão alto quanto Darien, mas muito mais compacto e bem-encaixado. Tinha peito largo e ombros retos, que arrancavam suspiros de meninas idiotas, que ele fingia não notar. Sabia usar os olhos como poucos, acendendo-os como dois faróis azuis quando precisava conquistar a simpatia de alguém, e era vaidoso como uma donzela com seus cabelos louros cacheados e muito bem cortados. Até lavava-os de vez em quando!

Tinham ambos aparência estranha para a União Púrpura. Suas peles brancas destoavam da mistura fervente de etnias que habitava o lugar. Já haviam-lhes dito que deveriam ser filhos perdidos de alguma família da “civilização”. Pouco importava — ambos tinham como pai o ouro, e como mãe, a morte.

Era típico de Vincent estar suando por causa de um ataque como outros tantos, pensou Darien. As vítimas eram perigosas, mas aquelas que não eram nunca valiam a pena.

— Pelo menos prometa que não vai atacar sozinho — disse Vincent.

— Prometo — mentiu o outro.

“É bom ser jovem”, pensou Darien. “Mas melhor ainda é ser bandido”.



Justin Gherald era um cavaleiro, e estava enjoado. Odiava a União Púrpura, que considerava uma mancha imunda de selvageria, indigna da fronteira com o nobre reino de Bielefeld. Justin queria voltar para casa. Mas, mais do que tudo, queria conseguir vomitar.

A náusea o havia acompanhado desde a penúltima batalha com os bárbaros, já no caminho de volta. Embora as ordens de Justin fossem investigar os recentes acontecimentos estranhos, os avistamentos de monstros e o tumulto na simplória política da União Púrpura, ele não desperdiçara a chance de civilizar com aço alguns selvagens. Os primeiros cinco ou seis confrontos haviam sido fáceis — como caçar raposas. As poderosas lanças dos cavaleiros furavam os corpos sem proteção, não importando quão peludos e musculosos fossem. E os seus quatro comandados que haviam morrido naqueles confrontos seriam tanto heróis quanto justificativas para uma invasão em larga escala. *Sir* Justin queria uma guerra — mas uma guerra fácil.

O prazer de Justin acabara junto com a facilidade, quando seus cavaleiros enfrentaram os bárbaros tatuados. Havia neles uma ferocidade ainda maior que nos outros selvagens, uma gana por morte que Justin só observara em monstros, loucos ou nele mesmo. Improvável que fosse vingança: o cavaleiro tomara cuidado para espalhar igualmente seu morticínio, chacinar membros de tribos diversas, e fugir de seus territórios logo em seguida. Naquela batalha, Justin perdera mais onze homens, e sua expedição orgulhosa de vinte tornara-se um bando maltrapilho de apenas cinco (sem contar os serviços, dos quais ele nunca se lembrava, e que pareciam morrer indiscriminadamente, aos punhados). E, naquela batalha, Justin recebera um corte feio. Olhara suas próprias tripas, vagamente cômico do fedor e da gelatina sanguinolenta, e pensara algo indefinido sobre injustiça, raiva dos deuses e morrer como herói. Mas o talho fechara, para surpresa de todos. Em apenas um dia, estava já começando a cicatrizar. Não havia explicação para aquilo, então Justin decidiu que era um escolhido de Khalmyr, e entreteve-se com fantasias sobre tomar o poder na Ordem da Luz.

Mas a náusea persistia. O ferimento não estava sarado por completo, isso era de se esperar, mas por que aquela sensação constante de vômito que nunca chegava? Justin estava

irritadiço e distraído, e pensava que um cavaleiro de sua estirpe e posição nunca deveria ter dor de barriga. Havia também os sonhos, as vozes em sua cabeça, os pensamentos bizarros que se haviam instalado. E havia aquele ferrão estranho, que ele achara fincado em seu pescoço, na própria noite anterior à tal batalha. A União Púrpura estava cheia de insetos e bárbaros, e às vezes os dois se confundiam. Mas Justin não queria pensar sobre aquilo tudo. Queria pensar sobre ser um herói, ser líder de todos os cavaleiros, ser rei, ser escolhido de Khalmyr, ser um deus.

— *Sir Justin* — um jovem cavaleiro tirou-o de seus delírios. A mão foi sozinha ao punho da espada.

Justin Gherald começou uma resposta impaciente, mas interrompeu-o um grito de guerra, e um garoto pulava da encosta ao lado e golpeava o primeiro da fila.



— Darien, não! — era Vincent, mas, é claro, ignorado.

Darien mal esperara os cavaleiros chegarem à distância de ataque, ansioso que estava por lucro e sangue. Ergueu-se como se tivesse molas no corpo todo, e a espada comprida já estava na mão quando começou a correr aos saltos encosta abaixo. A boca estava aberta e enorme, derramando um urro de prazer para todos os lados. Encolheu as pernas e voou os metros que faltavam, segurando a espada com as duas mãos e descendo-a com força e sem técnica no sujeito que estava à frente.

— Emboscada! — gritou alguém. — Cavaleiros da Luz, adiante!

Darien sentiu o chão bater-lhe forte nas solas dos pés. Desorientado por um momento, rindo e tonto, mal teve o reflexo de atirar-se para baixo quando o segundo cavalo atropelava o primeiro, e o homem que o montava descrevia um arco largo com uma espada. O golpe era preciso e maligno, e passou a centímetros de seu pescoço, mas Darien viu que o seu próprio tinha sido mais preciso e mais maligno, porque o primeiro homem estava no chão, gemendo e vertendo sangue pela armadura.

— *Darien, seu idiota!* — a voz limpa de Vincent cortou o mato e o combate. O jovem loiro também saltou da encosta, mas seu pulo era muito mais gracioso, e ele aterrissou leve, encontrando a lâmina do segundo cavaleiro com a sua própria.

— Não me xingue na frente das vítimas! — gargalhou Darien, enquanto punha-se de pé.

O segundo cavaleiro desferiu um golpe potente, que Vincent mal conseguiu aparar. Estremeceu, e as botas se afundaram na areia seca da trilha estreita.

— Não estou xingando, esse é o meu grito de guerra — ofegou Vincent, tentando perfurar a guarda do oponente.

“*Não*”, pensou Darien, com calma e sorriso. O grito de guerra do Bando do Dente Quebrado era outro, e era algo de que ele tinha muito orgulho.

— *Sangue e juventude!* — urrou o jovem bandoleiro, e um trovão de vozes juvenis se ergueu em resposta.

— *Sangue e juventude!* — eram vozes mal-formadas, algumas ainda finas de infância. Eram bandoleiros ainda mal-formados, muitos dos corpos e todos os espíritos ainda crus. Mas eram desesperados.

O Bando do Dente Quebrado irrompeu da encosta. Berravam com abandono, corriam desordenados, meio que tropeçavam uns nos outros, nas raízes ou em nada. Agitavam no ar armas desencontradas: machados, facões, martelos, porretes, ancinhos. Sua carga era um retrato do que o mundo podia fazer com garotos verdes: ladrões e assassinos que sonhavam com bonecos de pano.

Darien estava de pé, e corria se esquivando das patas do primeiro cavalo, enquanto Vincent ainda duelava com o cavaleiro. Darien tinha os olhos no líder daqueles empolados, um velhote de queixo erguido e bigode sebooso, que parecia ter uns nove deuses na barriga. Surpreendeu-se quando o velho girou sua montaria para a encosta, deu-lhe uma ordem gritada e fez o animal correr, escalando a elevação, investindo contra os jovens bandidos.

“*Nenhum cavalo faz isso*”, pensou Darien, mas era verdade que Darien não sabia nada sobre a vida. O prodigioso cavalo, forte como um monstro e ainda mais feroz, corria encosta acima, ignorando as multidões de galhos que lanhavam-lhe o couro, a boca já se projetando em mordidas ansiosas.

Cavalo e cavaleiro encontraram o Bando do Dente Quebrado, e três bandoleiros morreram já no primeiro golpe. O tal velho era sanguinolento, fez um perímetro enorme com a espada e decapitou o atacante mais à esquerda, enquanto destruiu o rosto do rapaz do meio e arrancava o tampo da cabeça do último. O cavalo se ergueu, mantendo um equilíbrio majestoso e descendo dois cascos de marreta, esmagando um crânio e quebrando uma clavícula. A espada do cavaleiro subiu e despencou, cortando um braço. Uma mordida feroz arrancou três dedos de um dos garotos. E, em meio instante, o Bando do Dente Quebrado começou a fugir.

— Covardes! — xingava *sir* Justin, em júbilo. — Selvagens covardes! — E impelindo seus homens: — Avante os cavaleiros! Khalmyr! Khalmyr!

Os garotos haviam dado as costas a Justin Gherald, e não havia prazer maior para aquele homem do que espetar costas desprotegidas. Partiu a espinha de um dos rapazes, riu do som gorgolejante que isso provocou. Viu que outro deles tropeçara e caíra, e se voltava chorando para ele, implorando aos deuses e à mãe. *Sir* Justin impeliu o cavalo para a criança, ouvindo o esterno e as costelas estalarem sob as patas. E perseguiu-os, e matou com alegria.

Darien via apenas relances daquilo, mas horrorizado. Não percebeu quando um dos cavaleiros saltava da montaria e investia contra ele, girando uma maça enorme contra o seu rosto.

— *Darien, seu idiota!* — a voz de Vincent arrancou-o do transe, e ele viu o amigo longe, muito longe, a quase três metros do cavaleiro com a maça, incapaz de fazer qualquer coisa.

— Sangue e juventude, ou qualquer coisa — murmurou Darien, esperando o golpe que iria lhe matar.

Mas, de repente, surgiu uma ponta sangrenta no peito do inimigo, que estacou e cambaleou, e caiu morto. E atrás, Vincent com o braço estendido; tinha arremessado a espada, e estava desarmado.

— *Vincent, seu idiota!* — gritou Darien, e viu o amigo se virar para os dois cavaleiros que se preparavam para atacá-lo.

Vincent era um idiota, de acordo com todos os parâmetros estabelecidos por Darien, que julgava-se profundo conhecedor do mundo, e muito inteligente. Vincent era um idiota porque tinha sido mordido ou picado por algum bicho ou planta, e estava doente. E ele era um idiota porque tinha tremores e febres e suores, e manchas vermelhas pelo corpo, às vezes duras como casca de árvore (Darien tinha certeza de que homens inteligentes tinham apenas doenças que fizessem sentido, e não se deixavam picar por qualquer inseto). E, mais do que tudo, Vincent era um idiota porque não via que eles *precisavam* atacar alguém rico, para pagar um xamã ou curandeiro ou qualquer outro que pudesse curá-lo. Darien sabia que era perigoso atacar cavaleiros da Luz, que os desgraçados lutavam como demônios, e sabia que ele e Vincent talvez tivessem de matar gente boa e devota de Khalmyr, mas que escolha?

E agora Vincent provava-se um idiota porque tinha arremessado sua espada, e estava desarmado, e iria morrer, e tudo seria por nada.

Vincent protegeu o rosto com o antebraço, e uma lâmina encontrou seu pulso. O sangue jorrou farto e brilhante. A lâmina se quebrou. O cavaleiro, por um momento, olhou incrédulo, mas o outro não notara, e atacou Vincent com uma lança. O rapaz girou o corpo sem sentir, deu um salto prodigioso e esticou o braço ferido, que agora começava a se recobrir de uma espécie de carapaça lustrosa e vermelha. Segurou o elmo do segundo cavaleiro e arrancou-o da montaria, arremessando o corpo no outro inimigo. Os dois estatelaram-se no chão, com um estampido de placas de metal, enquanto Vincent percebia o que fizera.

Darien olhava o amigo, e o seu braço coberto de uma casca de inseto, avermelhado e inchado, com uma mão enorme com garras em forma de navalhas.

Vincent estava apalermado, olhando ao redor em transe, vendo o peito perfurado, o pescoço quebrado, os três cavaleiros que matara. Mas havia ainda outro, que Darien apenas ferira, e Vincent não percebia que ele cambaleava, espada em punho, para golpeá-lo.

Darien correu, segurou a espada longa com as duas mãos, e desceu a lâmina no pescoço do cavaleiro. Ele gorgolejou um pouco, depois caiu.

Lá em cima, *sir* Justin acabara de chacinar o Bando do Dente Quebrado, e voltara-se para enxergar o jovem bandoleiro com sua nova aparência bizarra. Algo dentro de Justin encaixou-se. As vozes falaram alto em sua mente, tudo passou a fazer sentido. E ele não viu, mas um lento líquido rubro escorria das frestas de sua armadura, misturado com o sangue das crianças.

O corpo estava indeciso, ensaiava mudanças estranhas. Justin Gherald embainhou a espada, e fez o cavalo descer a encosta lentamente.

— Sabe o que é isso? — perguntou a Vincent. — Sabe com o que é abençoado, criança imunda?

Em resposta, Vincent mostrou os dentes, e ergueu a mão com garras. Justin sorriu.

— E você? — para Darien. — Também foi abençoado?

Darien inspirou por um instante, e então sua mente correu, e ele pesou suas opções. Olhou o homem à sua frente, sangue e bizarria, e seu amigo transformado em algo, e o cavaleiro que matara.

— Sim.

Sir Justin tentou decidir se o garoto blefava, mas seu cérebro rangeu, e ele desistiu. As vozes, as vozes *vermelhas*, ele percebia agora, gritavam-lhe que ele encontrara um igual. Ou dois. Garotos de pele clara e alma perdida, que pela aparência quase poderiam vir de Bielefeld, em seu caminho, escolhidos por Khalmyr. Vinham-lhe os pensamentos de santidade, de poder e glória na Ordem da Luz. Cercado por iguais, num círculo de bênçãos. Haveria chance de pensar com calma, mais tarde.

— Você foi abençoado — disse para Vincent. — Ambos somos abençoados. Vou levá-lo a Bielefeld, e você será um cavaleiro.

Vincent engoliu.

— Você é um criminoso — para Darien. — Tudo pode ser perdoado, se for abençoado por Khalmyr. Será levado também, como prisioneiro.

E, não dito: isso ou a morte. O Bando do Dente Quebrado fora trucidado, restavam apenas os dois. Diziam haver justiça em Bielefeld; talvez houvesse também clemência?

Os dois amigos concordaram. Medo e mudanças.

— Este será o nosso segredo. Ninguém deve saber — fungou Justin. E, como se notasse um quadro torto, viu os escudeiros e serviçais, ignorados durante todo o combate. — Oh, ninguém deve saber — desembainhando a espada.

Sobraram três naquela tarde, e *sir* Justin saciou-se de morticínio. Afinal, descobriu, matar serviçais era tão prazeroso quanto matar estrangeiros.



Darien e Vincent se olharam, amarrados atrás do cavalo, na trilha para a prisão e a nobreza, em Bielefeld. Sangue fora perdido, e juventude também.